

Os gigantes de Montana

Sonia Homolka

Angélica costumava ir para a cama cedo, mas, naquela noite, excepcionalmente, sentia-se ansiosa e não conseguia dormir. A chuva torrencial que caía no telhado a impressionava e, de vez em quando, assustava-se com o clarim dos relâmpagos e com o ruído estrondoso dos trovões. A toda hora perguntava-se por que decidira ficar só em casa, quando toda a família tinha viajado para um passeio fora da cidade e só retornariam no dia seguinte. Agora estava certa de que tinha tomado a decisão errada, e que não lhe restava mais nada a fazer, a não ser tentar relaxar e finalmente dormir.

O relógio na parede batia compassadamente, anunciando o lento passar das horas, como que para castigá-la.

Cansada de lutar contra a insônia, decidiu procurar algo para ocupar o tempo. Pensou que ler seria a melhor coisa a fazer, diante das circunstâncias. Olhou para a estante do quarto, com vários volumes, mas não pensou em nenhum título que lhe interessasse, até que, num lance de olhar, percebeu um livro que nunca vira antes, repousando em cima da poltrona próximo à janela.

“Que estranho! De onde veio esse livro? Nunca o vi aqui em casa”, pensou ela. Pegou-o e examinou-lhe cuidadosamente. Sua capa era dura e áspera; as folhas eram mais grossas que a espessura do papel normal, e estavam amareladas. Imediatamente se sentiu atraída pelo livro, e como não tinha mesmo nada para fazer, achou que a melhor coisa seria distrair-se com ele, até que o sono chegasse.

No primeiro momento em que pegou o livro e leu seu título *Os gigantes de Montana*, Angélica ouviu um ruído que a fez ficar em sinal de alerta. Foi até a porta para confirmar se ela estava fechada e olhou para todos os lados do quarto, certificando-se de que estava sozinha e segura.

Mais relaxada, deitou-se em sua cama, cobriu-se com o lençol, deixando apenas as mãos de fora, para folhear o livro. *Os gigantes de Montana* era um livro que documentava a história de um povo secular e primitivo, que morava numa aldeia ao norte da Etiópia, na África. Eles viviam nas selvas Montana, completamente isolados da civilização, por um rio de águas caudalosas e escuras. Os homens da tribo eram tão altos que verdadeiramente pareciam gigantes. Seus pés eram enormes e simetricamente voltados para trás. Mas, o que mais chamava a atenção na fisionomia deles eram os olhos, enormes e arredondados, completamente brancos, o que tornava o olhar deles algo medonho.

Angélica engoliu em seco, pensou se deveria continuar a ler aquele livro, pois sentia que começava a ficar um pouco impressionada com as ilustrações que encontrava à medida que folheava suas páginas. Mas o que poderia fazer se adorava ler, e não tinha em casa nada que já não tivesse lido pelo menos duas vezes.

Encolheu-se mais entre os lençóis e continuou a leitura. De repente, ouviu o som de um assobio, que parecia vir por trás do guarda-roupa branco. Sentou-se rapidamente na cama, assustada e com o coração disparado.

“Isso não pode estar acontecendo”, pensou ela. Nesse mesmo instante, ouviu uma risada baixinha, depois outra e mais outra, até parecer que uma multidão de pessoas ria atrás do armário.

“Minha nossa! Tem pessoas no meu quarto”, pensou ela, “e a porta está fechada!”

Esforçando-se por manter a calma, ela tentou se convencer de que tudo era fruto de sua imaginação. Mas as risadas voltaram mais altas, não deixando dúvidas de que ela tinha companhia.

— O que vocês querem de mim? Vão embora! Vão embora! - gritou Angélica, que agora estava completamente coberta e ofegante. Por uns minutos, houve um silêncio mortal, até que começou a ouvir pegadas, que foram se alternando, se alternando, e então um grupo de homens altíssimos, com olhos completamente brancos, posicionaram-se em volta da sua cama. Ela sentiu sua presença, e permaneceu imóvel, tentando conter a respiração.

Um a um, eles a chamaram pelo nome, e garantiram que não lhe faria mal. Diziam que precisavam de sua ajuda para encontrar uma de suas crianças, que tinha sido sequestrada da aldeia, por um homem daquela cidade, que dias antes tinha mantido contado com eles na aldeia e se mostrado amigo. Angélica foi se descobrindo pouco a pouco, até o ponto em que podia vê-los e observar que suas caixas torácicas moviam-se tão rapidamente que lhe parecia sentir sua respiração. Não podia acreditar que aquilo estava acontecendo, dentro do seu quarto, com toda sua família fora de casa. Finalmente, levantou-se e, quando se viu no meio daquelas pessoas tão altas e magras, teve a sensação de que não era maior que um grão de poeira.

Ao vê-la em pé, todos os homens começaram novamente a falar sofregamente. Falavam uma língua desconhecida, num ritmo alucinante, mas com um tom suave e agradável, que lhe penetrava nos ouvidos e, para sua surpresa, os sons faziam sentido em sua mente e pôde ter certeza de que os entendia perfeitamente.

— Como chegaram aqui? O que querem de mim? - Quis saber. Foi difícil manter a comunicação, pois todos queriam falar ao mesmo tempo. Pareciam apressados, como se tivessem apenas pouco tempo para passar ali. Finalmente, o homem que parecia mais velho, com olhos impressionantemente brancos, tomou a palavra, e disse que precisavam sair imediatamente em busca da criança sequestrada.

— Como podemos fazer isso agora, em meio a essa tempestade? - perguntou Angélica. Sem responder, um a um começou a formar um círculo em sua volta e, como num piscar de olhos, transportaram-se para fora do quarto. A chuva não os molhava e tudo passava tão rápido por eles, casas, prédios, parques . . . até que pararam numa casa enorme, com cinco torres vermelhas, cuja porta de vidro fazia-os sentirem-se intimidados. Novamente todos os homens de Montana começaram a ficar agitados, falando, gesticulando em sua própria língua.

— Ela está aqui. Ela está aqui - diziam todos ao mesmo tempo, naquela língua estranha, que só Angélica ouvia e entendia.

— Como sabem que ela está aqui nessa casa? - perguntou Angélica.

— Sabemos que está. Ela chama por nós. Precisamos que você toque a campainha e distraia o sequestrador, quando ele vier atender a porta. Converse com ele, e nós pegaremos nossa criança.

— Mas todos da casa verão vocês aqui. - disse Angélica, a essa altura, um pouco confusa do que iria se seguir àquele plano. Sentia uma sensação de urgência, porém, os olhares dos visitantes suplicavam-lhe ajuda ao mesmo tempo em que a confortava. Angélica tocou a campainha e quando viu alguém girar a fechadura, sobressaltou-se.

— Saiam depressa! - falou Angélica. A porta foi aberta com força. Um homem com uma longa barba apareceu, vestido de negro e com um gesto impaciente, perguntou o que ela queria. Angélica tentou pensar em algo rápido, puxar alguma conversa, mas o fato é que o tempo parou. O silêncio era absoluto. Nenhuma folha balançava nas árvores. E, em meio a esse silêncio, todos os Montanas passaram pelo homem, que roubara a criança, sem serem percebidos. Quando o último, finalmente, chegou à escadaria que dava acesso às torres, uma forte ventania trouxe Angélica de volta do estado de estupor em que se achava. O homem que atendera a porta ainda estava imóvel, olhando fixamente para ela.

Será que conseguiram achar a criança, pensou Angélica. De repente, viu-se no meio de um furacão, com ventos terríveis que a giravam descontroladamente.

— Ajudem-me! - gritou ela. O que ouviu então foi a voz dos Montanas, falando todos ao mesmo tempo. Chamou-lhe a atenção que as vozes pareciam não serem ouvidas por outras pessoas, mas unicamente por ela, pois penetrava profundamente em seu ser e soava diretamente em sua mente.

— Obrigado! Tudo vai ficar bem! — E, como um flash de luz, rapidamente dissiparam-se no céu escuro, desaparecendo no além, com sua criança no colo. Ela continuou no centro da tempestade, quando de repente viu-se cruzando a janela do seu quarto, completamente encharcada da chuva, porém, com uma sensação cálida, apesar do frio que entrava pela abertura da janela pela qual acabara de passar. Angélica, ainda refletindo sobre tudo aquilo que passara na última hora, seca-se vagarosamente, e após trocar de roupa, aninha-se em sua cama.

De repente a casa ilumina-se.

— Raul, ainda bem que decidimos voltar antecipadamente. Não conseguiria dormir fora sabendo que Angélica estaria sozinha em casa em meio a esse temporal. — Subindo apressadamente para ver se a filha estava bem, encontrou-a dormindo tranquilamente, com o livro *Os gigantes de Montana* aberto sobre ela.